

Do velho contemporâneo ao psicanalista que eu sou hoje

Celso Gutfreind¹

RESUMO Neste artigo-ensaio-crônica, o autor, a partir de uma autorreflexão sobre a sua própria trajetória, referências teóricas e prática clínica, disserta sobre a sua identidade como psicanalista, associando-a também aos possíveis efeitos da contemporaneidade. Os aspectos poéticos e estéticos, em torno da subjetividade, aparecem igualmente em destaque como essenciais para um psicanalista contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise; psicanálise contemporânea; poesia; identidade.

Este texto, como, talvez, todos os outros, nasce de uma interação.

Instigado pela editoria da Revista *TRIEB*², ainda que virtualmente, encontramos-nos para nos influenciar. Realmente.

A ideia inicial era dizer algo sobre quem é o psicanalista hoje, de forma geral e abrangente, mote principal deste número.

Ao fim e ao cabo de nossas trocas frutíferas, ficou acordado de que seria sobre quem eu sou, hoje, como psicanalista, sob a lente, portanto, da contemporaneidade, mas com essa batida específica e original. A acolhida das colegas parece ter deixado o autor à vontade para expressar quem é, com a esperança de que o exercício pudesse transcender algum eventual solipsismo e interessar à psicanálise propriamente exercida.

Antes de continuar, gostaria de começar, como a vida, com a poesia, base de minha identidade (analítica, inclusive), e com a qual gostarei também de encerrar:

1. Psicanalista, Membro Titular com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e escritor.

2. Magda Costa, Maria Elisa Alvarenga e Maria Noel Sertã.

“Não perde tempo
com o que não olha.

Não perde tempo
com o que não conta.

Pouco vale o que se pensa,
zero para o protocolo.

Estar junto
é o que urge

a palavra
é o que surge,

desde que ouvindo, vendo,
ou seja, é sentimento.

Não perde tempo
com o isolamento.

Só as histórias serão ouvidas,
só os olhares serão alento.”³

De olho na poesia, o editorial e eu não estávamos à deriva, em nossa criação conjunta ou, para utilizar um termo analítico contemporâneo, em nossa co-construção. Pelo contrário: tudo fazia algum sentido. Sustentava-nos a ideia (Ogden, 2010 e outros) de que somos hoje tantos psicanalistas quantos somos a praticar a psicanálise. Os novos tempos nos legaram tal, sempre difícil, autonomia. É possível que a contemporaneidade venha mesmo nos trazendo essa possibilidade (e necessidade) de, sob os olhares das mesmas teorias, rumarmos mais a nós mesmos. E como fazer psicanálise longe dos “si mesmos”?

3. *O tempo e o tempo*, poema inédito.

Um corpus teórico, afinal, nos reúne, mas, ao prestar contas à pessoa e, no caso, às pessoas envolvidas em sua prática – e eis uma prática feita com pessoas –, terá inevitavelmente de desenhar-se com alguma originalidade. Para cada analista. Para cada análise. E, talvez, esteja aí um dos maiores paradoxos e desafios de uma psicanálise contemporânea. Conciliar o pertencimento ancestral a conceitos já consolidados pelo tempo com a originalidade da hora nova, recente. Lidar com a influência, entre a necessidade e a angústia. Elaborá-la para, sendo, apoiar o outro para ser (outro) também, norte de um psicanalista, em todos os tempos.

A ideia, no entanto, não era pessoalizar, era mais pretensiosa ainda. Partir do individual para chegar a algum traço de universal, em um exercício que pudesse caber a todos nós, psicanalistas hoje, passadas tantas práticas, e sob a presença de tantas teorias, mesmo que prestando contas, no fundo, a uma só. Descobrirmo-nos é preciso, e também nos redescobrirmos, a cada dia e análise.

Nos primórdios dessa interação em si com as editoras, já estava, provavelmente, boa parte do meu arcabouço. Ao iniciar como médico de família, ao prosseguir como psiquiatra da infância, a chegada do intrapsíquico, com a psicanálise, já precisava também prestar contas (e contos) ao relacional. Dele vinha a força e a inibição. E continuam vindo.

Por isso, trabalhei na França, com Serge Lebovici, estudei os sistêmicos, os familialistas, a psicanálise do bebê. Já era, a essa altura, leitor do psicanalista-poeta Donald Winnicott (1965/2002), para quem os bebês – que são eternos, em suas transferências, vida afora – não são sozinhos. Por isso, e como tema de outro livro (Gutfreind, 2010), sou um psicanalista que trabalha com a parentalidade, em todas as idades, diretamente, ou de forma recomposta.

O mesmo Lebovici (1998) é arauto de um conceito que muito me impactou: a empatia metaforizante. Segundo ele, de forma abstrata, subjetiva, é justo a empatia – necessária aos psicanalistas de todos os tempos – que suscita a capacidade metafórica, ou seja, simbólica. Por mais que ela seja uma emoção de alteridade, fora de um campo estético, será preciso, depois, trabalhar com as metáforas que ela suscitou. E isso é também um trabalho poético, artístico (Gutfreind, 2019). Dialeticamente, portanto, por habitarmos a linguagem, o nosso campo é sempre um vir-a-ser estético. E, neste caso, não há cura, mas obra, ou a obra, sempre imperfeita, pode, às vezes, ser a cura.

Tal influência e suas angústias, de certa forma, nunca cessaram. Ainda hoje, sou leitor e interlocutor daqueles mesmos autores e de seus leitores contemporâneos, ou mesmo leitores originais, como Anne Brun (2019), discípula

de René Roussillon, Victor Guerra (2018) e tantos outros. Cada analista que componha a sua trilha sonora, e a minha vem sendo essa, ainda que constantemente aberta a novas melodias. Com eles, aprendo a metapsicologia dos primórdios (ainda que a original também o seja), do arcaico, lá onde um ritmo (a dois, conforme Daniel Stern, 1997) nos forja, poeticamente. E, como eles, sou um leitor de arte, sobre a qual venho tentando escrever, aproximando-a da psicanálise, que veio, quase toda, dela (Gutfreind, 2019).

Da poesia em si, compus a parte central da minha vida, desde a adolescência. E, aproximando-a dessa metapsicologia, digamos assim, aplicada, venho desenvolvendo, há alguns livros e muitas clínicas, a ideia de que essa poesia dá conta daquelas relações iniciais e fundamentais para a constituição de nossa (inter)subjetividade, essência de uma identidade e de um *self* verdadeiro. A ela – a poesia – recorro, diretamente, no atendimento de crianças. E é o que tento – tentamos – também resgatar, no atendimento de adultos, através da transferência, este carro-chefe ainda atualíssimo da metapsicologia freudiana.

Dito isso, segue complexo para quem não dispõe de mapa ou protocolo, como, independentemente das trilhas distintas, é o nosso caso, analistas únicos, diversos, heterogêneos diante do encontro com o desconhecido, de fora e de dentro. E, ao contrário do que dizem tantos, incluindo parte de tais referências, não abandonei a primeira tópica freudiana. Trago, conforme o próprio Freud, e também Gilberto Gil⁴, a sede de compreensão, e dela me alimento com cada analisando. Ou, como expressou, de forma mais densa e clara, um poeta contemporâneo:

“Ao coração do homem se destina
na melhor das hipóteses, o ofício

de sondar o tangível que o ilumina.
O restante é um glorioso desperdício.”⁵

A minha-nossa casa oferece o tempo e o espaço de dizer (“minha vitória é verbal”, conforme Jean Genet, citado por Catherine Millot, 2004), e dizer, aqui, não é só uma catarse, o que já não seria pouco, mas também a possibilidade de dar

4. “Eu cá me ponho a meditar/ Pela mania da compreensão”, em *De Bob Dylan a Bob Marley*.

5. Armino Trevisan, *O silêncio dos espaços infinitos*, poema inédito.

sentidos, ou seja, compreender. A propósito, outra marca que me representa como um psicanalista contemporâneo é estar atento aos segredos e ao transgeracional, verdadeiras barricadas em potencial contra a compreensão e os sentidos. E, como “dizer” anda culturalmente escasso, nestes tempos narcísicos de pane poético-narrativa, pode estar aí outra de nossas invariantes contemporâneas: oferecer, justamente, o espaço de escuta a esse dizer.

A questão, agora, desembarca na condição de poeta e ficcionista (como a psicanálise o é) que me permitem tentar sempre dizer de forma mais implicada do que explicada. Ou a mais ritmada possível, compondo uma ópera, no mínimo a dois, conforme outro metapsicólogo contemporâneo das interações, que é Bernard Golse (2010), devidamente ilustrado pela poesia de um compatriota seu:

“Depende desse que passa
Que eu seja tumba ou tesouro,
Que eu fale ou me cale,
Isso depende só de ti,
Amigo: não entres, pois, sem desejo.”⁶

Que venham palavras, portanto!
Que não sejam vazias, enfim!

Que elas integram pensamentos e sentimentos, como o vem fazendo, desde os primórdios da vida e da psicanálise.

Que surjam, primeiro, plenas de silêncio, ritmo e prosódia de um bebê, com sua mãe e o entorno, aliás, bem o que resgatam. E, depois, que se banhem de sentidos possíveis, como o mesmo bebê já diferenciado (crescendo), e que aprende a falar, penetrando na tagarelice do mundo da prosa, conforme tenho, igual e diversamente, trabalhado em novos livros, nascidos da poesia e da clínica. E justo, aliás, o que essa clínica resgata.

A propósito, um novo poema, este de um livro mais recente (Gutfreind, 2022), só de poemas infantis, inspirados em uma criança que, depois de brincar com o seu analista, retomou a tagarelice (a saúde de dizer e dizer e dizer) que havia perdido, nos desencontros da vida e das mortes segredadas:

6. Paul Valery, 1937, inscrição no restaurante Le Jardin, do Hotel Rosewood, São Paulo, Brasil. A tradução é minha.

“A menina
tagarela
fala por si,
por ti, por ele
e até por ela,

como se fosse
assunto dela
do que é do cão
ao que é da gente
e da cadela,

nada escapa
da passarela
de suas palavras,
que rebolam
e dão bola
para todos,

a não ser
o silêncio
que, nos dias
sem menina,
é imenso.”

Neste sentido, em um mundo (contemporâneo) utilitário, “anti-subjetivo”, tã-canho, que clama (e paga o que for preciso) por soluções rápidas, fáceis (impossíveis), a poesia cava e edifica espaços que podem nos embalar, durante o insolúvel da vida em si, assim como brincar cava e edifica, na infância, espaços lúdicos aonde podemos nos abrigar, na vida adulta, conforme o conceito do ator e psicanalista argentino Eduardo Pavlovsky (1980).

A propósito, em outro livro (Gutfreind, 2008), propondo uma releitura do clássico e precursor caso do Pequeno Hans, desbravei uma leitura mais focada na transformação do pai, que havia se tornado mais lúdico, a partir da escuta do analista. Considerarei-o mais importante do que as interpretações edípicas e verdadeiras, conforme a descrição freudiana original. Neste sentido, contradi-

zendo a mim mesmo, a primeira tópica ou a impura e complicada transformação do inconsciente em consciente pode estar um tanto desgastada.

Brincar, diretamente, em jogos com crianças, e indiretamente, em interpretações com adultos, pode ser um dos atributos mais necessários a um psicanalista contemporâneo. Acrescento, aqui, no mesmo mundo utilitário e em pane lúdica, o desafio de manter-se um psicanalista, com toda a dor e a delícia envolvidas nisso, sujeitas a tentações objetivantes, místicas e dispersas (Eizirik, 2015), incluindo refugiar-se em inúmeras teorias disponíveis, em detrimento de um encontro, conforme tratei em outro livro (Gutfreind, 2020).

Se há aqui algo de pessoal, no sentido de mostrar como me empresto poeta e prosador para o trabalho analítico, creio que posso estar, assim, cumprindo um certo convite à impessoalidade, no melhor de seus sentidos universais. E, quem sabe, possa estar desobedecendo referências (pais?), a quem tanto admiro, como o mesmo Ogden, citado acima, e para quem os gêneros da escrita não deveriam ser misturados. Nessa hora, recorro a Clarice Lispector (1973), “Gênero não me pega mais”, e misturo. Que cada analista possa misturar e, bebendo as teorias – a teoria – em comum, ser o que é. A mistura, aliás, é própria de uma pós-modernidade e, ainda, do que viria depois, ou continua vindo, cada vez mais rápido, sem cessar.

Pois, se penso em um psicanalista qualquer de hoje, mesmo que este qualquer não exista, penso nele(a) como um(a) guardião(o) da subjetividade original, com seu suposto resgate poético, na transferência. Aqui, cai um pouco a primeira tópica e surge uma segunda – ou terceira – em que uma verdadeira obra em carne e alma vivas é construída. E nada disso talvez seja novo.

Refiro-me a um mundo que anda pouco afeito a esses encontros originais, olho no olho, pele na pele, borrifado que anda de virtualidade (precoce), novas tecnologias (excessivas), terceirização de encontros, capitalismo selvagem, narcisismo, mais imagens, menos palavras etc. Esse mundo – tema de outro livro (Gutfreind, 2021) – que gera uma pane, primeiro poética, e depois narrativa, nas crianças, e, mais depois ainda, nos adultos, crianças reconstituídas. Esse mundo com a sequela do radicalismo, com pouco espaço para as nuances.

Um mundo, igualmente, de tanto espectro autista. De tanto solipsismo e desregulação social, econômica e ambiental, o que daria um novo texto, de olho na responsabilidade de um psicanalista contemporâneo, diante de uma sociedade injusta, racista, misógina, machista, desigual.

Suponho, aqui, outra espécie de invariante em psicanalistas e mesmo na psicanálise contemporânea, resgatando o mais literário de Freud, ao abrir um es-

paço merecido e necessário a autores como Bion, o próprio Roussillon, Ferenczi, Ferro, e tantos outros repletos de uma psicologia do conto e da narração como critérios de pontos de chegada a uma “cura” – a obra. De certa forma, creio que André Green (1994) tinha razão, ao propor que toda análise é aplicada. A imagem de uma saída da cisão-dissociação inicial (e radical) para poder entrar no relativismo de abstrações mais moderadas pode dar conta do que estou pensando.

Aqui, talvez, o meu elemento pessoal encontre certa contemporaneidade universal, em uma realidade tão pouco propensa ao pensar, ao sentir, ao sofrer, ao entediar-se, o que uma psicanálise de todos os tempos, apoiada nos melhores filósofos, sugere como condições humanas fundamentais. E até as engendra para si. E as sustenta para o outro. Não são raros os casos de crianças que experimentam nos nossos consultórios, pela primeira vez, a possibilidade de entediar-se profundamente e viver a dor e a delícia dessa emoção inevitável.

Assim me considero e nos considero, hoje em dia, como psicanalistas: guardiões da difícil intimidade, propulsora do subjetivo, o que não se engendra sem arte, sem música, sem poema. A arte sempre foi importante. A arte nunca foi tão importante. Isso está em nossas bases, mas creio que essas bases se tornaram mais necessárias, na mescla do antigo e do novo. Assim, não somos necessariamente poetas de poemas escritos, o que não é o caso, mas em vida, no corpo a corpo, alma a alma, que transitam entre o desespero e a esperança, em meio a condições inóspitas para cantar e contar. Somos, psicanalistas contemporâneos, poetas orais. Ao vivo. Em carne viva. Em almas se encontrando, ao se saberem também perdidas.

Mas é quando isso me parece novo que retomo o que pode ser mais essencial em psicanálise. Pois meu termômetro de que uma análise está em movimento é a presença de um clima poético que a ronde (perdão, Ogden), e a adentre. Pois, dia desses, uma delas concedeu-me este poema que compartilho para resgatar origens e também desdobramentos:

“Ao contrário do que pensa o poeta,
o narrador sequer tem o alibi de não se preocupar com o fim da linha.
E, como o poeta, ele mesmo
precisará saber manejar o labirinto
das pausas e as continuidades.
E vai precisar inventar o real e realizar o inventado,
azeitar tempo, lugar, foco, sem falar nas personagens
que precisam ser convincentes

e aqui sequer adianta
olhar a vida em si,
de onde não pode tirar
convencimento maior.

É hercúleo o trabalho do narrador,
tal qual o do poeta
e do escultor
do pintor
(do analista)
ou qualquer
artista.

E, feita a obra, vai precisar de olhos
e de ouvidos que o acolham
e, durante, completem-no.

E, finalmente, desperto, chegará ao patamar
do que os sonhadores conseguem, dormindo.”⁷

A chegada ao poema – a cura como uma obra conjunta –, conforme o anunciado, para encerrar um texto em vigília (ou uma análise, em seus devaneios) pode ser a síntese (poema é síntese e ritmo) do que estou tentando expressar sobre o psicanalista que tento ser hoje e que observo em tantos colegas, com os quais me identifico, em meio às lacunas contemporâneas.

Em um mundo cada vez mais hiper-real, excessivo em sua virtualidade que pouco atende às necessidades do bebê (e do bebê recomposto)...

Em um mundo que tanto conspira contra o advento da subjetividade, nossa necessidade psíquica maior, poder sonhar, contar os sonhos, resgatá-los e compreendê-los parece o que ainda há mais de contemporâneo em um psicanalista amparado ainda por um alfarrábio valioso e ritmado, publicado lá nos idos de 1900, acrescido, é claro, de tudo o que continuamos, cada vez mais livremente, pensando para sentir.

7. Sina, poema inédito.

Parece-me, assim, que escritores como Freud, que são esses de uma ótima prosa amparada pelo melhor da poesia, nunca deixam de ser contemporâneos, evocando uma expressão de Verdi, citado por Compagnon (2011): “Voltemo-nos para o passado, será um progresso”.

Em 2022, sonhar e subjetivar surge como ainda mais atual e necessário.

From the old contemporary to the psychoanalyst I am today

ABSTRACT *In this chronicle-essay-article, the author, based on a self-reflection on his own trajectory, theoretical references and clinical practice, discusses his identity as a psychoanalyst, also associating it with the possible effects of contemporaneity. The poetic and aesthetic aspects, around subjectivity, are equally highlighted as essential for a contemporary psychoanalyst.*

KEYWORDS: *psychoanalysis; contemporary psychoanalysis; poetry; identity.*

Del viejo contemporáneo al psicoanalista que yo soy hoy

RESUMEN *En este artículo-ensayo-crónica, el autor, a partir de una autorreflexión sobre su propia trayectoria, sobre sus referencias teóricas y su práctica clínica, diserta sobre su identidad como psicoanalista, asociándola, además, a los posibles efectos de la contemporaneidad. Los aspectos poéticos y estéticos en torno a la subjetividad, se destacan igualmente como esenciales para un psicoanalista contemporáneo.*

PALABRAS-CLAVE: *psiconálisis; psicoanálisis contemporáneo; poesía; identidad.*

Referências

- Brun, A. (2019). *Médiations thérapeutiques et psychose infantile*. Paris: Dunod.
- Compagnon, A. (2011). *Os antimodernos. De Joseph Maistre a Roland Barthes*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Eizirik, C. L. (2015). Alguns aspectos da formação analítica. *Jornal de Psicanálise*, 48(88): 53-65.
- Golse, B. & Roussillon, R. (2010). *La naissance de l'objet*. Paris: PUF.
- Green, A. (1994). *O desligamento – psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Guerra, V. (2018). *Rythme et intersubjectivité chez le bébé*. Toulouse, França: Érès.
- Gutfreind, C. (2008). *As duas análises de uma fobia em um menino de cinco anos – O Pequeno Hans – a psicanálise da criança ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Gutfreind, C. (2012). *A dança das palavras – poesia e narrativa para pais e professores*. Porto Alegre: Artes & Ofícios.

- Gutfreind, C. (2019). *A arte de tratar – por uma psicanálise estética*. Porto Alegre: Artmed.
- Gutfreind, C. (2020). *Mais relato menos metapsicologia*. Porto Alegre: Artes & ecos.
- Gutfreind, C. (2021). *A nova infância em análise*. Porto Alegre: Artmed.
- Gutfreind, C. (2022). *Oh! Senhor do picolé & outros poemas refrescantes*. Passo Fundo: Physallis.
- Lebovici, S. (1998). *L'arbre de vie – elements de la psychopathologie du bébé*. Ramonville Saint-Agne, França: Érès.
- Lispector, C. (1973). *Água viva*. Paris: des femmes.
- Millot, C. (2004). *Gide Genet Mishima – Inteligência da perversão*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Ogden, T. H. (2010). *Essa arte da psicanálise – sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: SPPA e Artmed.
- Pavlovsky, E. (1980). *Espacios y creatividad*. Buenos Aires: Ediciones Busqueda de AYLLU S.R.L.
- Stern, D. (1997). *La constellation maternelle*. Mesnil-sur-L'Estreée, França: Calmann-Lévy.
- Winnicott, D. W. (2002). *Los procesos de maduración y el ambiente facilitador – estudios para una teoría del desarrollo emocional*. Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1965).

Recebido: 04/10/2022

Aceito: 02/11/2022

Celso Gutfreind
celso.gut@terra.com.br